

Responsabilidade Social: além do marketing

Foi nos anos 60, em repúdio à Guerra do Vietnã, que ao boicotar a aquisição de produtos de empresas ligadas ao conflito, americanos e europeus deram o impulso para o que hoje é chamado de responsabilidade social empresarial. Era o início da exigência, por parte dos consumidores, de uma postura ética das empresas. Foi quando elas começaram a se preocupar em prestar contas de suas ações sociais.

No Brasil os primeiros balanços sociais foram publicados nos anos 80, mas só na década seguinte algumas corporações passaram a publicá-los anualmente. Em 1997, o sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, promoveu uma grande campanha junto a empresas pela divulgação do balanço social, ainda que voluntariamente.

Desde 1º de janeiro deste ano a divulgação do "balanço social" é uma recomendação do Conselho Federal de Contabilidade, que através da NBC T 15 de 2004 (Normas Brasileiras de Contabilidade) estabelece os procedimentos a serem declarados nas Informações de Natureza Social e Ambiental.

É obrigatório? Não.

Então, por que publicar?

Para obter esta resposta, no final de dezembro, os associados da ABAG/RP e convidados participaram de uma palestra com Marco Antônio Fujihara, especialista em sustentabilidade e diretor da PriceWaterhouseCooper.

Agregar valor ao negócio por meio da prestação de contas. Basicamente é este o pensamento das empresas que aderem ao balanço social. Mas como o palestrante demonstrou, o trabalho em prol da comunidade, principalmente nas empresas do interior, foi



Empresários de diversos setores prestigiaram a palestra de Marco Antônio Fujihara

sempre uma realidade, mas não encarada como parte do negócio.

O conceito de sustentabilidade integra três vetores: desenvolvimento econômico, gestão ambiental e responsabilidade social. Integrar este conceito à estratégia do negócio é a chave para se criar uma integração maior entre a empresa e a comunidade.

Segundo Fujihara, o balanço social favorece a todos que interagem com as empresas e comporta aspectos intangíveis (reputação, confiança, credibilidade, integridade, capital intelectual, fidelidade do consumidor, gestão de risco, responsabilidade sócio-ambiental e outros) que complementam os tradicionais balanços patrimoniais e a contabilização de aspectos tan-

gíveis como: capital financeiro, imobilizado etc. Por isso representa perenidade e valor a longo prazo.

Para a diretora executiva da ABAG/RP, Mônica Bergamaschi, o futuro das negociações internacionais certamente esbarrarão nestas questões: "quando as barreiras tarifárias e sanitárias forem superadas outras surgirão, e serão de caráter social e ambiental, com certeza".

Segundo a NBC T 15 o balanço social deve ser auditado para ter credibilidade. O modelo é indicado na própria norma. O iBase oferece um formulário simples, com itens que englobam indicadores sociais internos e externos, indicadores ambientais, de corpo funcional e de exercício da cidadania empresarial, no exercício findo e com metas para o seguinte. São as metas, segundo Fujihara, que diferenciam o assistencialismo da responsabilidade social.

Para os investidores e fornecedores o balanço social é um "termômetro" e para os consumidores um espelho da postura da empresa. Segundo o sociólogo Betinho: "o balanço social não tem donos, só beneficiários".

2005: sa

O ano de 2005 começou com a luz de alerta acesa. A safra de grãos foi inferior à inicialmente prevista em decorrência, principalmente, do clima (seca na região sul) e da ferrugem asiática que reduziu a produção da soja. Os meses foram passando e problemas como a ausência de políticas públicas setoriais e de marcos regulatórios, os juros elevados, a carga tributária excessiva, a desvalorização do dólar, a ineficiência na defesa sanitária, além das questões ambientais ainda discutidas sentimentalmente, foram norteando a pauta de trabalho da ABAG/RP.

Durante a Agrishow a ABAG/RP promoveu, em sua sede, uma reunião entre lideranças de diversas cadeias do agronegócio, acompanhado pelo Ministro Roberto Rodrigues, com o Ministro da Fazenda, Antonio Pallocci. Os representantes do setor privado tiveram a oportunidade de alertar sobre as principais dificuldades enfrentadas pelo setor e apontaram sugestões para a solucioná-las.

Para estreitar relações comerciais com outros países, a ABAG/RP colaborou na recepção dos 23 embaixadores estrangeiros que visitaram a feira.

Nos primeiros meses do ano foi concluída a primeira etapa do Mapeamento



Secretário Duarte Nogueira, Mônica Bergamaschi, Ministros Antônio Pallocci e Roberto Rodrigues e o Prefeito Welson Gasparini

de Uso e Cobertura das Terras da Região de Ribeirão Preto. O trabalho, feito em parceria com a Embrapa Monitoramento por Satélite e a Fapesp, foi apresentado no mês de abril aos associados, ao Secretário da Agricultura do Estado do São Paulo, Antonio Duarte Nogueira, aos prefeitos da região e lideranças regionais. O estudo possibilita simular os efeitos de políticas públicas nos aspectos sociais e econômicos das atividades agropecuárias e agroindustriais da região.

O estudo está na homepage da ABAG/RP: www.abagr.org.br

O trabalho foi exposto na Agrishow, no mês de maio. O pesquisador Evaristo Eduardo de Miranda, da Embrapa, fez uma exposição especial para os parlamentares que visitaram a feira, trata-se de uma ferramenta importante para a discussão e a formulação de políticas públicas voltadas para a gestão territorial,

baseada em dados científicos.

O Sistema de Gestão Territorial da Região de Ribeirão Preto foi apresentado para diversas entidades dentro e fora do Estado de São Paulo. Ganhou aliados importantes no setor e fora dele, como a Fiesp - Federação das Indústrias do Estado de São Paulo. Devido à importância

do agronegócio para a economia paulista, o trabalho foi apresentado com exclusividade para o governador Geraldo Alckmin. O agronegócio tem sustentado tanto a balança comercial nacional quanto a estadual. As exportações do agronegócio paulista em 2005 cresceram 17% somando US\$ 11,75 bilhões, o que representa 30,91% das exportações de São Paulo e 25,38% da nacional. Segundo o IEA, Instituto de Economia Agrícola, órgão ligado à Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, o bom desempenho do agronegócio paulista foi responsável pelo crescimento de 91,4% no saldo da balança comercial do Estado, que alcançou US\$ 7,52 bilhões.

A ABAG/RP deu sua colaboração para que fosse disseminado o entendimento sobre a realização de um estudo mais amplo, o ZEE, Zoneamento Ecológico e Econômico, para que políticas públicas ligadas à questão ambiental possam ser formuladas com lisura, clareza, objetividade e isenção.

Valorização

No ar desde setembro de 2001 a Campanha de Valorização Institucional da Imagem do Agronegócio se concentrou em três emissoras regionais: Globo: EPTV São Carlos e EPTV Ribeirão, e Rede Record. O patrocínio de programas foi intensificado para que a marca ABAG/RP estivesse no ar o maior número de vezes possível. Na Record, no principal programa jornalístico, o Jornal da Record, exibido todas as noites de segunda a sábado, e, na Globo, no "Glo-



Carlo Lovatelli, Mônica Bergamaschi, Governador Geraldo Alckmin e Evaristo Miranda após a apresentação do Estudo de Uso e Cobertura do Solo da ABAG/RP

idades?

bo Rural” dominical e programa “Caminhos da Roça”. O “Caminhos” é uma das maiores audiências regionais, com 51% de “share”, ou seja, em seu horário está sintonizado em mais da metade dos televisores ligados. Além dos filmetes institucionais, com sessenta segundos de duração, foram produzidos outros mais curtos, com trinta segundos. Todos os filmetes da Campanha podem ser visualizados na homepage da ABAG/RP: www.abagr.org.br.

Em 2005 a ABAG/RP continuou sendo referência para a imprensa regional e nacional. Encerrando o ano, a diretora executiva da ABAG/RP recebeu da Revista Forbes o Prêmio de “Mulher mais Influente do Brasil” na categoria Agronegócio/Pecuária. A criação do prêmio garantiu para a revista dois prêmios “top de marketing”.

Programa Educacional “Agronegócio na Escola”

Cerca de 44 mil alunos já passaram pelo Programa Educacional “Agronegócio na Escola” nos seus cinco anos. Foram realizadas aproximadamente 900 visitas em empresas associadas à ABAG/RP. No ano de 2005 foi incorporada a Diretoria de Ensino de Araraquara. No total 17.200 alunos foram beneficiados com o Programa, que se estendeu durante todo o ano letivo nas salas de aulas da 1ª série do ensino médio da rede pública, em 91 escolas de 44 cidades da região.

Agora são 6 as Diretorias de Ensino envolvidas: Jaboticabal, Sertãozinho, Franca, Ribeirão Preto, São Joaquim da Barra e Araraquara. (Veja no quadro abai-

xo a evolução do Programa).

O crescimento do Programa Educacional “Agronegócio na Escola” está sendo paulatino, para assegurar qualidade e continuidade. Como o seu grande diferencial é a visita que os alunos fazem às empresas associadas, para ver a aplicação dos conceitos aprendidos em sala de aula na realidade do setor produtivo, o envolvimento das empresas com o Programa e a disponibilidade em receber os alunos é a principal variável, a que determina, ano a ano, de onde e quantos alunos poderão ser beneficiados.

Em 2006 mais quatro Diretorias de Ensino serão incorporadas. O Programa chegará assim a toda a região de abrangência da ABAG/RP, ultrapassando a marca dos 20.000 alunos participantes.

Comunidade

A ABAG/RP, desde a sua criação, tem incentivado a participação do setor privado em assuntos comunitários.

Representando seus associados no Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Pardo, o envolvimento da ABAG/RP se deu principalmente em duas instâncias: na Agenda 21 e na Câmara Técnica de Outorgas e Licenças. A aprovação da Lei de Cobrança Pelo Uso da Água na Assembleia Legislativa de São Paulo, sancionada pelo Governador no dia 29 de dezembro, conferirá maior agilidade e autonomia ao Comitê, com a criação de uma Agência para administrar os recursos arrecadados com a nova taxa. Os recursos deverão ser investidos na própria bacia hidrográfica. A cobrança pelo uso da água foi tema do Ciclo de Debates realizado pela ABAG/RP no mês de

junho, antecipando para seus associados e convidados da sociedade civil, as fórmulas de cálculo da cobrança, a destinação dos recursos arrecadados e os potenciais pagadores.

O trabalho da Associação junto ao Grupo Coordenador do Projeto Piloto Aquífero Guarani também foi intenso. Em 2005 foi empossado o facilitador do projeto. Neste ano serão iniciados os trabalhos de campo e todos os dados técnicos deverão estar compilados até o final de 2007.

Em 2005 a Campanha Natal sem Fome, do Fundo Social de Solidariedade, da Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto, não foi realizada. Ainda assim, a ABAG/RP se mobilizou para arrecadar, entre suas empresas associadas, arroz e açúcar para compor as cestas de alimentos distribuídas pela Prefeitura. Foram doadas 6,5 toneladas.

Mas, na área social, o trabalho mais relevante desenvolvido pela ABAG/RP foi sua capacidade de aglutinar as principais cadeias produtivas da região. A Associação foi escolhida como um dos embaixadores do Projeto HC Criança, que pretende construir em Ribeirão Preto o 3º hospital público, e o primeiro do interior de São Paulo a aliar tratamento de alta complexidade, pesquisa e assistência integrada a crianças e adolescentes. Serão 38 especialidades trabalhando juntas. O custo do projeto é estimado em R\$ 20 milhões.

Os anos parecem passar cada vez mais rápido. Não houve tempo para resolver velhos problemas e novos já apareceram. Apesar das comemorações do saldo recorde da balança comercial, para o qual o agronegócio contribuiu com 86%, os problemas continuam existindo, às vezes meio esquecidos, encobertos, silenciosos, outras vezes barulhentos e bem visíveis. O fôlego chegou ao limite. Esperamos comemorar, ao final de 2006, não apenas superávits comerciais, mas principalmente: crescimento econômico, aumento da renda, desoneração tributária, marcos regulatórios, políticas públicas setoriais, reformas, desenvolvimento, ética e paz.

Ano	2001	2002	2003	2004	2005	2006*
Escolas	7	20	40	68	91	110
Cidades	4	10	17	35	44	58
Professores	180	500	700	1.090	1.200	1.430
Alunos	970	5.100	8.200	12.100	17.200	20.000
Empresas Visitadas	7	13	14	21	22	28
Visitas Realizadas	27	140	167	256	290	350

* dados previstos

Igarapava: terra e água

Igarapava, no vale do Rio Grande, foi descanso e passagem dos bandeirantes que viajavam rumo a Minas dos Goyazes. Em 1720 aquelas terras foram doadas aos famosos bandeirantes Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhangüera, e João Leite da Silva, mas não foi fácil ocupá-las. Os índios Caiapós do Sul, que ali viviam em grandes aldeias, resistiram durante anos aos colonizadores. Mais um século depois, em 1842, é que surge na fazenda Vargem Alegre a capela que deu origem ao povoado de Santa Rita do Paraíso. Em 1907, quando foi elevada à condição de município, foi rebatizada de Igarapava, que significa "porto das canoas". As diversas canoas faziam a travessia do Rio Grande.

Dentro de São Paulo, mas muito perto de Minas, cerca de 30 quilômetros, a cidade vive até hoje uma certa dualidade. A ponte de ferro construída sobre o Rio Grande, em 1913, é um marco para a cidade. Significou o prolongamento da linha férrea que cortava as melhores terras de café de São Paulo e chegava quase a Uberaba. A ponte também foi palco de muitos confrontos da Revolução de Trinta entre as Forças Legalistas (Paulistas) e as Forças Rebeldes (Mineiros). Até hoje é possível ver as marcas de balas.

Um dos maiores produtores de café do início do século XX, Cel. Quito Junqueira, tinha terras com cafezais que chegavam até Igarapava, e mudou-se para lá pensando em diversificar os negócios. Montou a Usina Junqueira, que era uma cidade dentro da cidade, com cinema, hospital, biblioteca, comércio, igreja e mais de 250 casas. Tudo, até hoje, preservado e funcionando. A usina é a maior empresa do município e já não pertence ao mesmo grupo, mas mantém a pujança que colaborou muito com o cres-



Foto: divulgação Prefeitura

Igreja Matriz de Igarapava

cimento e desenvolvimento da cidade.

Hoje Igarapava tem cerca de 25 mil moradores fixos e 4 mil flutuantes, que vivem na cidade durante a safra da cana-de-açúcar. É que além da usina local outras duas estão localizadas muito próximas à cidade. Uma caldeiraria e uma cooperativa de prestadores de serviço para usinas também são empresas importantes na arrecadação de ICMS do município. A Usina Hidrelétrica que leva o nome da cidade pertence a um consórcio que gera energia para cinco empresas, entre elas, a Cia. Vale do Rio Doce e Cia. Siderúrgica Nacional, apesar da capacidade geradora de 210 MW, segundo a prefeitura não é economicamente significativa para

a cidade. É o agronegócio que continua impulsionando o desenvolvimento local. Igarapava tem 100% de coleta de lixo e tratamento de esgoto. Até meados de 2006 deve chegar também à totalidade na iluminação pública. O asfalto cobre 80% do município e o aterro sanitário é dos mais modernos da região.

Na área da saúde as duas estações de trem desativadas foram transformadas em estações de saúde, complementando o trabalho das 6 Unidades Básicas de Saúde local. Na educação, desde o ano passado, todo o ensino fundamental de 1ª a 8ª séries, com cerca de 5.600 alunos, está "privatizado". A prefeitura adotou o material didático de uma rede de escolas e vem promovendo o aprimoramento dos professores. No ensino médio existe uma escola estadual e duas particulares. Para os universitários, convênios com faculdades regionais garantem descontos nas mensalidades.

O turismo é uma atração à parte em Igarapava. A cidade recebe cerca de 5 mil turistas nos finais de semana. O Rio Grande é a grande atração e a pesca e os esportes náuticos estão entre os preferidos.

